

O marxismo e o compromisso infernal e vital com a totalidade

Por Rodrigo de Oliveira Antonio¹

Com o objetivo de ambientar o dossiê temático dessa edição sobre Marxismo e Literatura, a Revista Crioula procurou promover diálogos críticos que pudessem aprofundar as discussões apontadas pelos artigos da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Nessa tarefa, teve valiosa contribuição a interlocução com o professor Daniel Puglia, do Departamento de Letras Modernas da USP. Em longa entrevista, Puglia abordou uma série de questões: a importância do materialismo histórico como perspectiva teórica para os estudos culturais e literários, suas bases filosóficas – o rico percurso, da lógica formal e dos idealismos de Kant e Hegel, até o marxismo –, seus desdobramentos conceituais e políticos, e a atualidade de seus antagonismos frente a correntes pós-modernas e entre os seus próprios defensores, diante das limitações do *socialismo de gabinete* e dos vários revisionismos a que a tradição marxista esteve sujeita. Sabatinado sobre como lidar com argumentos recorrentes contra o marxismo, o professor discorreu com pertinência sobre dicotomias falsas entre engajamento e estética, e a respeito de adjetivações como reducionismo, esquematismo, dogmatismo, totalitarismo, anacronismo, caducidade, e demonstrou como a dialética pode dar conta da missão de dissolver empoeirados ou lustrosos lugares comuns.

¹ Rodrigo de Oliveira Antonio é jornalista e mestrando do programa de pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH-USP e atualmente investiga as imbricações entre a linguagem poética e o materialismo histórico na formação do romance moçambicano.

Daniel Puglia desenvolveu sua formação acadêmica em diferentes unidades da USP. É graduado em Administração de Empresas pela FEA e em Letras pela FFLCH, fez seu mestrado em Psicologia Social, no Instituto de Psicologia, e doutorou-se em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, no departamento onde leciona desde 2008. É autor de *Franz Kafka: uma imagem do artista*, *Duas Margens*, e *Charles Dickens: um escritor no centro do capitalismo*.

Revista Crioula: Qual a importância do materialismo histórico como perspectiva teórica para os estudos culturais e literários, levando em consideração que a lógica formal, a dialética hegeliana e, posteriormente, a marxista implicam posicionamentos diversos frente à análise da realidade e forjam diferentes posturas críticas a respeito da cultura e da literatura?

Daniel Puglia: Para começar, o básico. E o básico é o resgate da dialética, da proposição de uma forma dialética para a análise do objeto cultural e do objeto literário. O materialismo histórico atualiza o pensamento dialético para a realidade capitalista que surge a partir das revoluções francesa e industrial do século XVIII, combatendo certo tipo de pensamento que a lógica formal gosta muito de fazer, que é “*as coisas estão separadas, uma coisa é a produção do espírito, uma coisa é a produção econômica, outra coisa é a produção política, religiosa, e assim por diante*”. A dialética se propõe a inter-relacionar os vários campos, todos os campos, e ver como que este reverbera naquele e aquele reverbera nos outros, sem nunca estabelecer uma relação de causalidade imediata, propondo, sempre, inter-relações.

O fato é que, pela predominância do pensamento teológico – grosso modo, do século V ao século XV – e pela força da Igreja, que

monopolizava a divulgação do conhecimento, a ideia do pensamento dialético foi sempre deixada de lado, e foi sendo julgada como “não útil”, digamos assim, e era avaliada dessa maneira porque o pensamento dialético, em última instância, questiona as estruturas de poder, vai sempre questionar as contradições numa determinada situação. Então, para os poderes hegemônicos, não é interessante esse tipo de pensamento.

Evidentemente, com o Iluminismo no século XVIII, com as transformações que acontecem a partir do séculos XVI, XVII e XVIII, com as pessoas vivendo na cidade, com as pessoas se aproximando da vida política coletiva, o ressurgimento da dialética foi praticamente inevitável.

Mas o seu uso precisava ser sistematizado; então, no final do século XVIII, ele conquista essa sistematização que vai aparecer principalmente, num primeiro momento, no idealismo de Kant, e depois na continuidade que é a dialética idealista do Hegel. Esses são avanços enormes no pensamento filosófico e na capacidade de diagnóstico da realidade, e, às vezes, mesmo muita gente que se propõe seguidor fiel, quase religioso, do materialismo histórico, vilipendia Kant, fala mal de Hegel, porque, na verdade, não conhece muito as bases de onde vem o materialismo histórico, que seria quase impensável sem esses pensadores.

As formulações de Kant e Hegel, que são figuras-chave, atingem, no século XIX, a partir de lutas concretas, de práticas políticas e econômicas reais, uma organização capaz de forjar um corpo de pensamento que coloca em crise a situação tradicional das disciplinas, que dizia que isso é filosofia, isso é economia, isso é sociologia, a tal ponto que a própria economia acaba se cindindo, de um lado a ciência política, de outro a economia, para separar economia e a política.

E a dialética surge como esse instrumento poderoso de transformação que não vai achar que a contradição é um problema. Se você se depara com uma contradição, você não joga essa contradição fora, você vai utilizá-la, você vai pensar essa contradição, você vai tentar fazer com que ela frutifique até o fim.

Ela vai despertar uma fascinação pelo movimento, para fazer ver que nada é estático, tudo é movimento. Ao contrário do que falam – “*vocês gostam do que é estático, do que é dogmático*” – quando vemos o trabalho dos grandes dialéticos, eles têm uma preocupação muito sincera e honesta com a leitura do texto propriamente dito, de detalhes do texto, então você não vai ficar partindo de abstrações *a priori*; lógico que você tem um corpo de conhecimento conceitual com o qual você vai se aproximar daquilo que você está lendo, mas você vai ter um cuidado especial de ver o que aquilo que você está lendo está dizendo.

Revista Crioula: Parte-se da análise do objeto e de suas relações e não de um teleologismo apriorístico...

Daniel Puglia: Exatamente. Um trabalho soberbo nesse sentido é *A Sagrada Família*, de Marx, com que, às vezes, pode-se ficar espantado com a quantidade de análise textual que o livro contém. Ou, por exemplo, os primeiros escritos de juventude, tanto do Marx quanto do Engels, quando eles analisam muito o discurso parlamentar, os discursos dos hegelianos de direita; são trechos inteiros citados que depois têm uma análise estilística cuidadosa, do “*por que a frase se repete?*”, do que cada palavra quer dizer.

Existe um texto de Marx, dentro de uma sequência de outros escritos, sobre a censura na imprensa, em que ele faz uma grande defesa sobre a liberdade de imprensa. Nele, o autor analisa longamente o discurso dos favoráveis à censura, e o faz a partir de uma análise detida do objeto. Às vezes, um pouco de maneira até hegeliana demais, porque ele ainda

está num processo de maturação política, inclusive. Mas isso é espantoso. Então, eu acho que essa é uma contribuição muito prática.

Uma outra contribuição do materialismo histórico é o fato de você ter uma postura teórica que não tire do quadro os explorados. Que você olhe para a sociedade produzida pelos seres humanos e tenha especial atenção sobre a injustiça, sobre a desigualdade, sobre muita espoliação que existe, mas outros aparatos teóricos (e eu não estou dizendo que esse é o único aparato teórico que faz isso), muitas vezes, praticamente prescindem dessa paisagem humana.

Até alguns dizem assim: *“a teoria boa é aquela que pega o movimento geral, mas não tem paisagem humana.”* E há de se dizer que muito do marxismo acabou fazendo isso. E é preciso voltar várias vezes à discussão do que se pode chamar de *socialismo de gabinete*, o *socialismo de poltrona*, que é muito confortável: você se declara um apaixonado por Marx, um apaixonado por Engels, um apaixonado por todos os grandes teóricos, mas você prescinde das lutas reais, você não as vê.

Revista Crioula: Que categorias kantianas e quais categorias hegelianas você enxerga como principais para a construção do materialismo dialético de Marx?

Daniel Puglia: Não sou um grande conhecedor do Kant, nem de Hegel, mas acredito que, de Kant, uma coisa muito forte é a história do *ousar saber*. Ante um problema, não pare, continue, investigue, vá até o fim. Coisa que até o próprio Kant não fazia, porque era funcionário do Estado, dependia daquele salário, e tinha que refrear muitas de suas opiniões, e refreou mesmo. Mas essa paixão pela perquirição, pela pesquisa, é algo que ficou. Isso vai ter continuidade no Hegel de maneira avassaladora, e no materialismo histórico, de maneira geral, permanece. Outro ponto é a crença na razão, uma crença muito forte no

poder da razão, no poder da razão criadora dos seres humanos, daquilo que nos torna humanos.

Uma outra coisa, que não está formulada dessa maneira um pouco barateada com que se fala de Kant, mas que ele acaba dizendo é *se um direito não for universal, ele é um privilégio*. Essa é uma frase que mata muita conversa de boteco, muita conversa política fiada. Então, *olha, se você acredita que os juros no Brasil têm que ser bastante altos porque você tem títulos no seu investidor, se você acha que esse é seu direito, tudo bem, você pode dizer isso, mas reconheça que, se isso não é para todos, é um privilégio*. E muitas pessoas reconhecem, são honestas em relação a isso, e dizem que acreditam no privilégio. Isso já coloca uma pauta enorme para vários movimentos sociais, para vários partidos políticos, para vários posicionamentos políticos. Aí é preciso dizer: *isso pelo que você está lutando é para você? Ou é para todos? Ou é para um grupo? Se for só para você, se for só para o grupo, então saiba que é um privilégio, saiba que tem um caráter muito forte de defesa de classe no que você está fazendo e seja honesto em relação a isso*.

Agora, de Hegel é quase covardia dizer. Digamos que, sem querer fazer muito a história do futebol dos filósofos do Monty Python, o Kant praticamente pega a bola do campo de defesa e vai até o meio de campo, o Hegel vai do meio de campo até a grande área e praticamente fala “faz” para o Marx e pro Engels...

Revista Crioula: Ele teve pudores de invadir a meia lua...

Daniel Puglia: Exatamente, ele tem pudor de invadir a meia lua. Mas é impressionante perceber, às vezes, que ele só não formula no vocabulário algumas coisas que vão aparecer mais tarde no materialismo histórico, mas que já estão ali. E isso é triste para os corações apaixonados pelo Marx, os dogmáticos que acham que o Marx foi um grande gênio que pariu tudo sozinho, aqueles que defendem o

ídolo que dá a grande quebra e é responsável por todos os progressos. Felizmente, conhecimento e progresso não são assim, eles são coletivos, são feitos de várias passagens.

E há muitas injustiças em relação às imprecisões que às vezes o próprio Marx comete. O jovem Marx escrevendo sobre Hegel está tentando afirmar posições, então, muitas vezes, ele acaba cometendo injustiças, e essa contribuição do pensamento hegeliano é muitas vezes minorada.

Algo importante a ser lembrado é que tanto Kant quanto Hegel foram leitores dos economistas políticos. Eles leram Adam Smith, leram David Ricardo, então, isso vai contra ao que se diz sobre a filosofia deles, às vezes tida como a filosofia de estante, abstrata. Mas se formos para o tutano da coisa, vemos que eles estavam muito conscientes em relação à própria época, ao que estava acontecendo, e a vários progressos científicos de seu tempo. E a economia política de Adam Smith foi um progresso enorme, em termos de dizer que há maneiras de se explicar e investigar como nós, seres humanos, produzimos e distribuimos os produtos de que necessitamos.

Hegel tem a percepção de que o capitalismo é um sistema profundamente contraditório. Um sistema que produz riquezas de um lado e imensa pobreza do outro. E ele fala que isso é algo que tem que ser resolvido, tem que ser pensado. Então, infelizmente, para aqueles que defendem a pureza do pensamento do Hegel, distante de tudo e de todos, ao contrário, você tem essa preocupação com esses interesses muito reais, palpáveis. Essa é uma contribuição enorme para o materialismo histórico que é um legado que tanto Kant como Hegel vão deixar para o pensamento do Marx, do Engels e de outros.

Tanto é que, no período de formação de estudos de economia do Marx, ele vai a um museu britânico, um pouco antes disso também, e copia trechos e trechos dos economistas políticos que estavam escrevendo,

que são ideólogos. Muitos deles são muito ruins, mas ele copia esses trechos, e se propõe a comentar, e dialoga com eles; então, isso me parece uma forma de continuidade do legado do Hegel, de leitura teórica e leitura prática, inclusive de como se debruçar sobre o material que você tem em mãos. E o Engels acaba fazendo muito isso também.

Tem até uma carta interessante na qual Marx escreve para Engels. Marx está em Londres e Engels, em Manchester. Um amigo em comum diz algo como *“era bom você fazer uma visita aqui para o Marx, porque toda vez que a gente vai na casa dele, em vez de você receber um cumprimento, você é recebido com categorias econômicas, porque ele só fica falando dessa história...”* Veja, o amigo sabia que havia essa interlocução entre Marx e Engels em relação a essas categorias econômicas. E não é que eles fossem profundamente apaixonados por economia, no sentido fetichista. O interesse se dá porque eles sabem que esse é um campo importante de debate que foi apropriado pela produção do conhecimento hegemônico, e que propaga muita ideologia dizendo o que é a verdade.

Então, penso que o legado de Kant e Hegel para o materialismo histórico é inegável. E isso acaba sempre nos colocando um problema. De um lado, quando nos deparamos com os marxistas de igreja, que não reconhecem um conjunto de lutas anteriores, e toda uma tradição de teóricos que foi necessária para se chegar até lá. E, de outro lado, é muito importante falar do Kant nesses termos, porque ele foi apropriado pela direita e eu sei que há muitos grupos políticos hoje de ultraesquerda que têm o hábito de rotular argumentos com frases como *“isso é puro kantismo”*, e, com isso, não se vai ao cerne desses argumentos...

Revista Crioula: O próprio Hegel foi inapropriadamente apropriado pelo fascismo.

Daniel Puglia: Sim. Você é apropriado. Por isso, é necessário sempre voltar ao texto.

Revista Crioula: Dentro dessa tradição dialética, fale um pouco sobre a noção de *totalidade*, que aparece como uma categoria importantíssima para combater a ideia de especialização das áreas, mas que está sendo novamente descartada e combatida por diversas correntes teóricas e políticas em nome da fragmentação.

Daniel Puglia: Essa questão é um problema, porque a partir do discurso da contrarrevolução neoliberal, a partir dos anos 70, começou-se a dizer que totalidade era quase igual a totalitarismo e, a partir daí, começou-se a jogar muita coisa fora, jogou-se o bebê com a água do banho. Isso se dá porque a ideia de se prestar atenção à totalidade das relações numa determinada situação é uma tarefa muito difícil e que, às vezes, tem consequências políticas imediatas.

Então, se você não quer tirar consequências políticas imediatas é importante não olhar para a totalidade; se você gosta de se julgar um marxista ultrarrevolucionário, tem emprego na universidade, fala, gesticula... e, na sua prática cotidiana, você é um autoritário, um dogmático, você não vê o que está a sua volta, você não é capaz de modificar nada, então há uma grande cisão aí... ver a totalidade implica percorrer todas as relações, tudo que está envolvido, e aí existe uma máxima que diz que entre o que uma pessoa faz e o que uma pessoa fala, devemos ficar com o que ela faz, porque falar é muito fácil, agora fazer é mais complicado.

Por que é importante jogar fora a questão da totalidade? É vital porque, para o campo mais conservador, esse descarte resolve o seguinte jogo:

olha, nós dizemos que a realidade funciona dessa maneira, que é o mercado que gera riqueza, que todos somos livres, que nesse sistema podemos fazer o que queremos, e, de repente, alguém vem falar que, se formos olhar pela totalidade das coisas, vamos perceber que não temos tanta liberdade assim, que nossa voz não é ouvida, que não temos controle algum sobre nossos representantes políticos...

A tentativa de resposta conservadora é dizer que tudo isso é detalhe, inclusive porque, na economia política clássica, o grande esforço foi na direção de se desenvolver uma maneira de explicar como funcionava a realidade sem se olhar para a totalidade das relações, e, talvez, o grande golpe de mestre de Marx e Engels tenha sido ir para a esfera da produção.

Quando se fala em crítica à noção de totalidade, Hegel pode virar apenas um item da produção acadêmica, Marx pode se tornar apenas um motivo de *papers* e seminários, Engels pode se converter somente em um alvo de crítica ou louvação, e tudo isso é abstrato. Na economia política clássica, por exemplo, eles descrevem a geração de valor tentando ver o valor como gerado no mercado, essa é a aparência das coisas. A operação de virada da crítica da economia política, do materialismo histórico de Engels e Marx, é olhar para a esfera da produção, então vamos ver realmente para além das portas. Quando se abrem as portas das fábricas, o que está acontecendo por lá? Então, você está vendo aí um aspecto da totalidade.

O maior marxista atual, David Harvey, talvez o mais consequente deles, diz *“se você quer acabar com qualquer curso de economia tradicional, levante a mão e pergunte: o que a sua teoria tem a dizer sobre a duração do dia de trabalho? Ah, a minha teoria não tem a dizer nada sobre o dia de trabalho, eu explico tudo em termos de oferta e demanda, explico a variação do preço do melão na feira, tudo, uso índices, taxas de câmbios, mas não tenho nada a dizer sobre a duração do dia de trabalho.”* Por que

existe dentro do capitalismo essa disputa pelo nosso tempo, então? Aí o David Harvey fala: “É, pois bem, a crítica da economia política tem o que dizer sobre isso, ela tem algo a dizer sobre o porquê de existir essa disputa em relação à duração do dia de trabalho, exatamente porque ela vai tentar buscar a totalidade das relações que estão envolvidas lá.”

A maneira como muitas vezes a teoria tradicional lida com a questão da mercadoria, por exemplo, é totalmente fetichizada, como se os produtos surgissem do nada, pairando, boiando na realidade. Então minha casa tem porta, tem janelas, minha roupa aparece, os alimentos pingam na minha mesa... A crítica da totalidade vai refazer a trajetória disso tudo, pensar de onde vem a comida, perguntar quem produziu isso e de que maneira isso foi produzido.

Na mais recente peça da Companhia do Latão (Ópera dos Vivos), por exemplo, há uma passagem em que eles falam algo como: “a gente esquece que para as coisas serem feitas é necessário que muitas pessoas estejam envolvidas”.

Revista Crioula: Eles partem da ideia marxista que vê o capital como trabalho morto que se alimenta do trabalho vivo.

Daniel Puglia: Exatamente. A noção de totalidade é infernal porque não vai dar paz à sua consciência, ela nos vai fazer saber que, enquanto você dá uma entrevista sobre materialismo histórico, por exemplo, existem funcionários de uma empresa terceirizada que estão sem receber seu salário, que limpam sua mesa, que limpam os corredores. Se você vai olhar para a totalidade das coisas, você vai ver que já há uma cisão aqui: é muito mais confortável eu falar sobre materialismo histórico no ar-condicionado do que eu estar perto de quem está tendo esse problema básico (“eu tive meu trabalho e fui roubado, não foi pago meu salário”).

Em momentos em que os conflitos começam a ficar mais claros e os antagonismos começam a se colocar, o diagnóstico da totalidade vai ficando mais fácil, porque você passa a questionar, por exemplo: *quem se apropria do excedente social? Onde está o montante de dinheiro total arrecadado com o nosso trabalho? Para quem está canalizado tudo isso?* No momento de planos de austeridade como esses que estão acontecendo agora na Europa, nos EUA, e que vão acontecer daqui a pouco aqui no Brasil, uma vez que já houve esse ano um corte no governo federal, as pessoas de repente podem começar a se perguntar de onde estão vindo e para onde estão indo esses recursos; isso é pensar a totalidade.

Para quem se preocupa com arte, com cultura, com as chamadas produções simbólicas, é interessante saber... *espera aí, por que essa obra tem esse estilo, essa forma, nesse período? Será que é só uma idiossincrasia do autor? Tem a vontade individual?* Lógico que tem a vontade individual, mas aquilo vai estar correlacionado com momentos históricos, com discursos hegemônicos que estão sendo falados e contra-hegemônicos que também estão sendo verbalizados. Então, o que análise da totalidade propõe como grande desafio é esse olhar para todos os olhares envolvidos, na maior parte do tempo que pudermos.

Revista Crioula: Você entrou na questão das produções simbólicas. Na análise da superestrutura, das artes, da literatura, da cultura, quais correntes críticas são fruto dessa evolução do pensamento, desde a lógica formal, passando pelo idealismo, até o materialismo dialético? É possível apontar exemplos de formulações críticas que se utilizem da lógica formal, outras que sejam idealistas, até chegar a formas de entendimento de uma obra literária, por exemplo, capazes de compor uma espécie de cenário da totalidade?

Daniel Puglia: É difícil essa pergunta, é difícil fazer esse mapeamento. Uma coisa que me ocorre de imediato, e aí eu sigo as transformações

apontadas pelo Raymond Williams e pelo Terry Eagleton, é a constituição da estética quase como um campo de estudos separado. A Estética como um campo de estudo, não por acaso, vai surgir no final do século XVIII, no começo do XIX. Se, de um lado, Hegel propunha um olhar para a totalidade, uma grande parte da Estética vai recusar esse olhar para a totalidade e vai arrolar como perspectiva crítica a criação do campo da arte como um campo autônomo. Acho que esse é o grande divisor de águas. Propõe-se a possibilidade de uma visão idealista, de que aqui as ideias têm autonomia, as ideias têm regras próprias, elas têm regras que se auto justificam.

Podemos entender historicamente como isso acontece: com o poder avassalador da Revolução Industrial e da criação de novas realidades a partir dela, grande parte da produção simbólica passa a questionar a base que lhe serve de justificativa. Elas passam a se ver sem uma justificativa. Por outro lado, elas acabaram sendo o lugar de resguardo do campo onde nem tudo poderia ser mercadoria. Se a realidade agora fala que tudo é mercadoria, ou seja, *eu tenho uma força de trabalho que tem que ser vendida, ou eu vou comprar forças de trabalho e meios de produção, e tudo a minha volta virou mercadoria, onde pode ter um espaço em que isso não seja mercadoria?*

Então, sim, a estética acaba surgindo como espaço de preservação, digamos assim, dessa possibilidade, de quem diz: *aqui pelo menos não é mercadoria*. Mas o fato é que os artistas cada vez mais tinham que se defrontar com a realidade em que eles eram pequenos produtores de mercadoria, e em que, em última instância, muitas vezes não encontravam compradores, o que não desmerece o fato de muita arte boa ter sido produzida como resistência desse movimento.

Revista Crioula: O processo de mercantilização, portanto, é a chave para se entender essa passagem?

Daniel Puglia: Totalmente. Pelo menos até onde eu posso ver, esse processo de mercantilização é chave, é fundamental. Porque, inclusive, ele mostra o poder que a arte tem de chamar a atenção para desumanização, de chamar a atenção para a realidade que transformou tudo em mercadoria. E as correntes críticas, de certa forma, elas se separam... se posicionam em relação a desdobrar esse problema, ou não. A perspectiva materialista, se ela for mais consequente, vai jogar fundo nisso, ela não vai dizer, por exemplo, que Shakespeare era só um produtor de peças por encomenda, pois, se disser isso, ela vai ser leviana, mas ela vai dizer que houve as peças por encomenda, mas aí também havia a produção coletiva num momento especial do teatro elisabetano, onde muitos componentes de grupos escreviam, produzindo juntos, ela vai ter que olhar para o vocabulário que era utilizado, porque que é esse vocabulário que lida com essa forma de natureza, e não de outra forma de natureza, que existem nas obras; ao passo que às vezes uma interpretação mais idealista facilita mais o seu trabalho por poder focar só em um aspecto: verei o uso dos adjetivos em Shakespeare, ou verei como a “alma humana” se dá nessas peças. Eu não estou dizendo que esse trabalho é totalmente descartável, não é isso, pelo contrário, ele é importante; o que a tradição materialista talvez possa contribuir é tentar puxar para outra perspectiva.

Temos um caso bastante conhecido que é o do Machado de Assis, que é coqueluche, fruto de brigas enormes em relação a isso. O que acaba acontecendo é que diante de grandes escritores como Machado de Assis, Lima Barreto, Graciliano Ramos, ou Carlos Drummond de Andrade, nós tiraremos mais “milhagem” deles a partir de movimentos analíticos em que consigamos aliar a sutileza das ideias, os lapsos formais, os achados formais, ao momento histórico e a certa leitura que esses autores têm do país, da região, e do funcionamento geral da história.

Diante disso, há outra questão interessante: ninguém precisa dominar todos os conceitos do materialismo histórico para tirar conclusões a respeito do que quer que seja. O Trotsky tem um texto muito interessante em que ele diz assim: *vocês, intelectuais, trabalhadores cerebrais, vocês são capazes de entender ideias complexas, uma série de compêndios, manuais, uma série de coisas, as proposições básicas do socialismo vocês já entenderam, se vocês não concordam, se vocês não estão juntos conosco nessa luta, é porque vocês já tomaram uma posição.* Ele é claro em relação a isso.

Então eu acho que se você adota uma postura, se você vai ler um Carlos Drummond de Andrade, e quer reduzi-lo só ao poeta que escreve bem, se você quer ser dogmático o suficiente para dizer que o Carlos Drummond de Andrade não tem nada a dizer sobre a história do país, sobre a história do capitalismo, você o reduziu.

Você reduz o Machado se diz que o Machado só trata das grandes questões humanas, você o reduz, porque Machado, para falar das grandes questões humanas, vai falar do trivial. Acho que não é por outra razão que o Roberto Schwarz escolheu Machado de Assis como seu grande objeto. Mais dialético do que Machado, no seu jeito de pensar e de ver as coisas... você tropeça a cada dois parágrafos em relações que demandam discurso crítico e um esforço interpretativo, é um baita trabalho. É uma tomada de postura.

Revista Crioula: O professor de Literatura Brasileira da ECA, Ivan Teixeira, tem uma visão que contrasta com a leitura de Roberto Schwarz no que diz respeito, sobretudo, ao conservadorismo em Machado. É interessante perceber como outras tradições críticas vão tentar também, a partir de suas tomadas de posição, analisar o mesmo objeto a partir de outro viés, tentando desintegrar a noção de totalidade que existe naquele autor e que foi lida por uma perspectiva dialética.

Daniel Puglia: A respeito disso posso dizer que há um livro que foi publicado pela Iná Camargo Costa, junto com o Dorberto Carvalho, que se chama *A luta dos grupos teatrais de São Paulo por políticas públicas para a cultura: os cinco primeiros anos da lei de fomento ao teatro*. Esse livro, logo no começo, tem uma epígrafe de Brecht que diz “*salvemos as pessoas, elas salvarão a cultura*”. Eu acho que essa frase nos ajuda, como tudo que o Brecht escreve, a pensar sobre qual é a postura crítica que pretendemos adotar. Nesse ponto, há gente que vai falar assim: “*ih, mas tem um certo salvacionismo aí, quem é você?, olha o autoritarismo, para você salvar e blá, blá, blá...*” Eu sei que pode surgir esse tipo de coisa...

Revista Crioula: Mas há uma torção aí.

Daniel Puglia: É uma torção, porque na verdade a cultura é muito importante, a arte é muito importante, a literatura é muito importante...

Revista Crioula: Para ajudar a gerar autonomia...

Daniel Puglia: Exatamente. Mas não é ela por ela mesma. É assim, salvemos as pessoas, são as pessoas que vão criar uma arte melhor, uma arte mais sofisticada, em que as pessoas se reconheçam, a que tenham acesso e saibam discutir. No texto *O direito à literatura*, o professor Antonio Candido faz uma menção a uma passagem em que o Trotsky fala que numa sociedade em que as pessoas não tenham que penar tanto, gramar tanto pela subsistência, não tenham que sofrer tanto, você vai conseguir produzir um nível de cultura, um nível de conhecimento até então inimaginável.

Às vezes, temos a impressão de que muitos dos chamados intelectuais, trabalhadores cerebrais, não querem uma sociedade diferente exatamente para não dividir o pouco que eles têm de saber. Numa

sociedade em que você tenha que conversar com as pessoas e compartilhar com elas decisões políticas claras, em colegiados, talvez isso que você valoriza tanto como o supprassumo do saber não seja tão supprassumo assim. Não estou falando que o grande conhecimento da cultura, da literatura não tenha que ser valorizado; ao contrário disso, é que isso se aprende e se aprende fácil e pode ser dividido e aí você não vai mais ser tão especial quanto você julgava ser.

Revista Crioula: É essa a questão do privilégio. Socializar o bem cultural, de certa forma, retira a aura que está embutida na forma com que se tem pensado a chamada alta cultura.

Daniel Puglia: Exatamente. Muitos colegas antimarxistas não apontam de maneira clara mas sentem a arrogância de uma certa retórica dos marxólogos que defendem o marxismo como campo sagrado do saber e se colocam como donos da verdade. Depois você vai olhar e vai perceber que eles conhecem pouco e mal aquilo de que supostamente estão tratando, que é Marx, Engels, materialismo histórico; é porque eles sabem que quase ninguém vai a fundo nos textos, não estão a fim de ler, então, surge um movimento que se auto reproduz. Eu sei que poucos leram, eu dou duas ou três carteiradas, passo isso por verdade e me recuso a responder questões básicas que são colocadas, e daí esse dogmatismo que existe na marxologia.

A ideia que precisa ser entendida é que dentro do próprio marxismo existe muita lógica formal, tem muita ruína da dialética. É aquela história de gente que fica impaciente e decepcionada porque n'O Capital demora a surgir a "luta de classes". Porque é uma coisa chata, uma leitura enfadonha, enrolada, e *cadê a luta de classes?* Falta, falta, falta, falta. Ela aparece, está tudo presente, mas vai demorar, acho que só no terço final do livro aparece, mas ela aparece porque é consequência, não é um dogmatismo. Só que, do ponto de vista da marxologia, muitas vezes você tem esse dogmatismo, como eu acho que, nos últimos

tempos, o fetiche da mercadoria virou um desses dogmatismos, tudo virou fetichismo da mercadoria, e não se analisa, de fato, o que é esse conceito, o que essa elaboração representa para cada abordagem crítica específica.

Porque, veja: e aí a gente acaba ligando um pouco com a Escola de Frankfurt e com outras tendências. Mas nos textos propriamente do Marx e do Engels, pensar em fetiche da mercadoria sem luta de classes, sem revolução, é uma coisa da lógica formal, é uma coisa segmentada, dividida. Porque o fetiche da mercadoria surge numa passagem pequena, que é importante do Capital, e ele vai estar perpassando todo o restante do argumento, só que o Marx não fetichiza aquele fetiche da mercadoria, ele não faz daquilo o grande cavalo de batalha, aquele é um conceito que perpassa tudo. Uma proposição simples é a seguinte: ousar saber, ouse saber o que está para além da aparência do que estão dizendo, e vai capítulo a capítulo e fala: *você fala que existe tal tipo de trabalho, mas será que é isso que existe mesmo? Você fala que tem tal tipo de organização do trabalho, mas será que é isso mesmo?* Esse é o jogo constante. A impressão que eu tenho a respeito da hiperinflação que se faz hoje em dia do fetichismo da mercadoria é que virou uma coisa tipo: *ah, todo mundo consome muito, as pessoas gostam de consumir bastante, não há nada mais pra fazer, venceu o consumismo.*

Revista Crioula: Há aí uma certa aporia a que se chega, muitas vezes, após a Escola de Frankfurt. De repente, formulam-se proposições como “*a teoria crítica chega a um ponto em que é impossível fazer teoria crítica, porque se você a levar às últimas consequências você perceberá que a própria razão se estabelece a partir da dominação, eis uma contradição paralisante*”. Só que esse movimento de abandono é sempre na penúltima volta da dialética. O exemplo do fetiche é emblemático. Ao se naturalizar o fetiche e o consumo, é mascarada a relação fundamental que há entre o trabalho e a constituição do valor. E isso não pode ser pensado sem que se lembre que havendo classes e havendo dominação

de uma classe em relação a outra, sempre haverá o trabalho de uma classe dominada, e é esse trabalho que produz o valor da mercadoria e é esse trabalho que a quimera do consumo não enxerga.

Daniel Puglia: Sim! Dinheiro não surge do nada. Essa retórica de que acabou classe trabalhadora, comentário que se colocou muito nos últimos trinta anos, o Terry Eagleton chama isso de “perspectiva paroquial”, é uma perspectiva bem limitada, porque você tirou montadoras, tirou plantas, fábricas, certos setores da Europa e dos EUA, e mandou para a China, Indonésia, tem as maquiladoras no Caribe, e aí, para os acadêmicos, porque saiu da janela do escritório, não existe mais, e, ao contrário, a classe trabalhadora dobrou de 1970 para cá, tem mais trabalhadores que entraram para o trabalho tradicional, o da ralação, o fabril, pesado, junto com outro trabalho, que é o trabalho das novas mídias, dos serviços, que juntam isso. Porque aí não adianta, para fazer crítica disso, preciso fazer a crítica da economia política, essa história de “*que fantástico o iPod chega em Nova Iorque custando 200 dólares*”, era o exemplo de uns anos atrás, só que ele saiu da China, com lucro, custando seis dólares, isso contava com o trabalho de centenas de trabalhadores chineses envolvidos naquela linha de produção, que já se ligava ao trabalho de milhares de africanos que tem que tirar níquel e uma série de outros minerais e metais, que são os componentes que formam a base daquele componente.

Revista Crioula: Esse apagamento das muitas fases de uma ação é o procedimento mais falacioso.

Daniel Puglia: É das práticas mais falaciosas. E isso se aplica à fetichização do conceito de fetiche de que falei. Eu estava lendo uma passagem bem enfadonha, inclusive, do texto do Marx criticando a censura na imprensa, é um texto longo, do jovem Marx, está no primeiro volume das obras em inglês. Ele ainda tem um certo encanto com o próprio estilo, ele escreve bem e sabe que escreve bem, é uma

passagem enfadonha, mas nela ele diz: “*eles lidam com a legislação como os antigos povos que passavam o dia inteiro talhando um objeto, talhavam na pedra aquele objeto, talham, talham, talham, vão dormir, acordam no dia seguinte, pegam aquele objeto e vão venerar esse objeto, e fetichizam esse objeto, como se ele tivesse atributos metafísicos.*” Essa é uma passagem rápida em que ele fala sobre o fetiche, e isso vai ser resgatado depois. É esse vislumbre, é esse momento, que não se pode ler depois com esse esquecimento da trajetória de tudo o que foi necessário para se chegar lá.

Revista Crioula: E o tratamento daquela questão, naquele momento, é fruto de trabalho anterior.

Daniel Puglia: E do trabalho de outros, e da relação com os outros. É algo espantoso que, muitas vezes, o socialista de poltrona não entende: vem um relato de que foi ocupada a fábrica, e depois os trabalhadores de lá tiveram contato com textos que falavam sobre a ocupação da fábrica, sobre as medidas que estão sendo tomadas e tal, e aí os trabalhadores falavam que parecia que os autores copiavam o que eles estavam fazendo lá. A ideia que o socialismo de poltrona que se consolida é que ele pode chegar lá e falar: *tá vendo, o poder presciente do marxismo, como ele vê antes...* E está errado. Porque, na verdade, o materialismo histórico, entre outras coisas, sai de lutas reais, então o que aconteceu naquela ocupação de fábrica, o que aconteceu naquela discussão sobre a remuneração, ou sobre as condições de vida, ou sobre que tipo de poder político nós vamos ter, não foi enxertada na cabeça iluminada de alguns autores, ela é um conjunto de lutas reais, agregadas a leituras históricas, leituras teóricas, e que, na perspectiva da totalidade, gera esse novo produto que é um produto que tem força de intervenção.

Revista Crioula: O que você está fazendo é uma análise materialista sobre o próprio surgimento teórico do materialismo histórico?

Daniel Puglia: Exatamente isso. E que temos sempre que resgatar. É preciso pensar nos seus três grandes pilares: a economia política inglesa, que vai dar a formulação teórica daqueles economistas políticos, principalmente Adam Smith; a soberba tradição filosófica de Kant e Hegel, e com essa tradição filosófica vem toda a filosofia dos gregos, que Hegel compreendia; e o terceiro ponto, que é um ponto de luta prática forte, o socialismo utópico francês, que carrega aqui já uma certa crítica ao materialismo do século XVIII, e a partir do movimento dos trabalhadores da França daquele período, aí já nos anos 1830, 1840, quando o socialismo utópico mostra seus limites. Esses são três eixos fundamentais, que nos ajudam a entender.

Revista Crioula: Explique um pouco mais sobre esse último eixo. De quem você está falando, tanto de quem critica, quanto dos criticados do século XVIII?

Daniel Puglia: Os enciclopedistas do XVIII são grandes aliados, sem sombra de dúvidas, são nossos aliados, os enciclopedistas, os grandes nomes, o problema é que às vezes dá a impressão que eles têm o conhecimento, e ele vai da razão para a prática, ele faz esse movimento, ele surge como razão e vai para a prática.

Revista Crioula: Essa é a crítica ao materialismo do século XVIII?

Daniel Puglia: É. No XVIII, dá um pouco essa impressão, na leitura deles. É esse o materialismo que eles têm... eles têm a concepção de que o mundo é criado pelos seres humanos, tem que ser entendido na esfera dos seres humanos, mas existe uma hipervalorização da ideia, da razão, em termos abstratos. E aí o materialismo histórico vai se contrapor a isso, vai dizer que *ok, tem isso, mas tem também a solução prática dos problemas.*

Revista Crioula: Ainda no terceiro eixo, você comentou sobre o socialismo utópico...

Daniel Puglia: Por serem herdeiros dos materialistas franceses do século XVIII, os utópicos ainda acreditam que é possível uma transformação via ideia, e isso se esgota no XIX de maneira clara. Agora, para o exercício de diagnóstico da realidade, isso cria uma dificuldade enorme. Prestar atenção no estético, no econômico, no religioso, no político, no filosófico, no formal, em tudo isso ao mesmo tempo, não é fácil. Até porque não há uma regra de ouro no final.

Na própria Escola de Frankfurt, e mesmo pensando que Adorno é um dos maiores ensaístas do século XX, podemos perceber que, às vezes, falta um pouco de política e um pouquinho de economia nas formulações deles. Às vezes, faltam dados um pouco mais práticos, mais reais (algo compreensível pelo caldo formador do qual ele é fruto, naquela Alemanha fascista que depois viu o stalinismo se formar)...

Revista Crioula: Por outro lado, Walter Benjamin, ao pensar “o autor como produtor”, estabelece um paradigma, baseado em Tretiakov, em que o crítico não se separa do militante, em que a forma está ligada ao conteúdo, em que a esfera do pensamento não se desliga da ação.

Daniel Puglia: Ver o autor como um produtor é a palavra-chave, o pensamento-ação chave do Benjamin, porque vamos para um horizonte com a queda da divisão social do trabalho, você não vai se ver como o artista ou o intelectual que transmite uma mensagem e enxerga os outros como aqueles que têm de consumir aquilo que você produz; a obra de Benjamin transmite a noção de que se você permanecer com a ideia de artista dominado, que vai delegar aos mortais o saber superior, você não sabe o que está fazendo, porque você estará fazendo algo parcial em nome de uma percepção da realidade limitada e limitante, ao passo que se você estiver junto de lutas reais, de lutas concretas, em

vários aspectos, você pode trazer um diagnóstico muito maior, muito mais relevante.

Por isso, eu tenho a impressão de que artistas que são da elite econômica mesmo, às vezes, têm uma chance de sucesso melhor de realizar obras de arte interessantes, exigentes, do que o artista pequeno-burguês, porque esse vai ficar sempre no meio do caminho: ele conhece pouco de economia política clássica; ele vai conhecer pouco a crítica disso; ele está longe da luta prática; e ele não se alia àqueles que mais precisariam que ele fosse um aliado, os trabalhadores.

Isso é o que está n' *A Miséria da Filosofia*, de Marx. Quanto mais o pequeno burguês se proletariza, mais ele nega essa condição. Quanto mais ele é distanciado dessa possibilidade de pertencer a essa elite, mais ressentido ele fica por não pertencer a essa elite. E ele fica produzindo muita porcaria, seja como intelectual, como professor, como artista, porque ele está isolado. Aposto que o cara que está na elite – e a elite econômica sabe que ela tem que lutar dia e noite, 24 horas por dia, sete dias por semana, para a manutenção de sua condição – vai ter um conteúdo de prática muito mais forte.

Para o artista, ver-se como produtor é saber que se você quer ser exigente consigo mesmo, se você quer fazer um serviço para a humanidade, você tem que ter noção de que cada obra de arte é também um monumento à barbárie, no sentido de que ela vem respingando sangue; para que a nossa conversa possa estar acontecendo, é necessário que muita gente esteja na escola e fora dela, que muita gente esteja sendo espoliada, e não há de se ter dúvida sobre isso. É preciso sair da pequena ilusão de Robinson Crusóé, em que a pequena burguesia vive: “*ah, eu me esforcei, eu trabalhei, eu consigo!*” E você não vê toda a teia do trabalho que foi necessária para que você chegasse até lá.

Portanto, o autor tem que encarar seu trabalho como um meio de produção. E, aí, você pode tecer um compromisso, um engajamento. Não podemos pensar que um T. S. Eliot e um Ezra Pound não sabiam que eram engajados... existia um engajamento muito claro no que eles produziram! A ideia de imparcialidade, de que você está pairando acima de qualquer tomada de posição, é a ideia confortável, de um tipo de mentalidade liberal, normalmente destituída de real poder econômico. Quem tem real poder econômico sabe que não existe essa bobagem de imparcialidade, assim como os muitos destituídos sabem o que está acontecendo.

Revista Crioula: Concretamente, é possível pensar em exemplos desse tipo de atuação, pautado pelo paradigma do “autor como produtor”?

Daniel Puglia: Não se pode fugir da raia dos problemas que estão acontecendo. Para dar um exemplo prático, eu penso muito na peça da Companhia do Latão, *Ópera dos vivos*, que citei antes. Porque é um exemplo claro de como você, se colocando no ponto de vista de produtor, pode realizar uma grande obra, estética e artisticamente ultrassofisticada, com um diagnóstico preciso sobre o momento atual que nós vivemos no país e no mundo de maneira geral. Algo que nos faz pensar na autonomia relativa da arte: não necessariamente todos os membros da companhia têm isso claro, não significa que eles acordam às 7h30 e leem O Capital até às 9h30, dão chibatadas nas costas, fazem abluções, depois vão ler um texto de formação do Engels, fazem chorando aquilo, pensando no que está acontecendo na África, no Haiti, com os bolivianos agora em São Paulo, então dizem ao final: *vamos para a cena!* Provavelmente não acontece isso, e ainda bem, talvez! Mas, existe, sim, entre eles um: *para onde que eu quero olhar?* E isso determina tudo.

Pode ser que eu esteja muito enganado, mas uma peça como *Ópera dos Vivos* – que possui uma sofisticação extrema, a partir de qualquer

ângulo que você queira analisar – é resultado de uma postura honesta de quem se propôs a fazer a crítica da economia política, que é subtítulo d'*O Capital*. E ao fazer isso é preciso pensar: qual é a história dessa arte que eu produzo, qual é a história disso, quais são os dramaturgos anteriores que já trabalharam para isso? Quais os teóricos que pensaram sobre isso?

E na peça eles trabalharam todos esses conteúdos e, no entanto, esse trabalho é recebido com um silêncio sepulcral. É muito interessante, nos intervalos, porque é uma peça longa, você vê a crítica bem pensante que reconhece a capacidade técnica, a qualidade intelectual e a sofisticação artística, mas faz suas ressalvas dizendo que aquilo é muito engajado, é cansativo, dá preguiça.

Revista Crioula: Na montagem que eles fizeram de *O círculo de giz caucasiano*, de Brecht, o prólogo se dava por um vídeo, gravado num assentamento do MST, em Sarapuí-SP, e isso causava desconforto em parte da plateia. O primeiro ato de *Ópera dos vivos*, que fala das Ligas Camponesas, também causou incômodo. A crítica da Folha de S. Paulo fez ressalvas sobre o modo como a peça aborda o Tropicalismo, que teria sido muito jocosa e dura. E, um terceiro ponto, que é uma questão de bastidor, se refere ao último ato de *Ópera*, que retrata a mercantilização da cultura no ambiente da TV, e que foi fruto da experiência que o Latão teve, anteriormente, em uma produção para um canal de TV aberta, em que eles sofreram censura não porque o conteúdo do que veiculavam era muito engajado, mas porque eles começaram desenvolver relações de trabalho não hierarquizadas com os funcionários da emissora. Não à toa, o último ato é uma reflexão sobre essas relações de trabalho e é curioso como a produção real determinou o grau de consciência da expressão artística nesse espetáculo.

Daniel Puglia: Isso que você está falando é super interessante porque, inclusive, dá a noção da maturidade desse trabalho, porque ele não é o

fruto de abstrações, ele é a materialização artística de experiências de vida transpostas e condensadas de forma artística. Talvez mostrando que a classe média, a pequena burguesia, os artistas, os intelectuais, e os trabalhadores cerebrais em geral, estão muito mais próximos dos camponeses – que estão espoliados e explorados – do que eles gostariam.

Revista Crioula: Você tocou nessa falsa dicotomia entre engajamento e experimentação estética. É um lugar comum pensar essas esferas como imiscíveis. É possível situar historicamente como foi propagandeada essa falsa de dicotomia?

Daniel Puglia: Tenho a impressão de que quando surgem as batalhas em torno do Naturalismo, no final do século XIX, sobre quais temas, e de que formas cada tema deve ou não ser tratado. E, de outro lado, o próprio Benjamin nos diz que “*a arte pela arte tem que ser vista como uma reação à possibilidade da revolução*”. Quando se diz: “*isso não tem qualidade estética suficiente*”, normalmente, se formos investigar, o que está sendo criticado é o assunto trazido à baila

As peças didáticas de Brecht que todo mundo critica são muito sofisticadas, porque para ser didático – quem já leu a obra do professor Antonio Candido sabe disso – é preciso ser muito sofisticado. É o contrário do que se fala, ser dogmático é fácil, como a pseudo-sofisticação conservadora e os esquematismos daqueles profundos dramas da alma e seus conflitos trágicos são termos muito vagos. Ao passo que uma formulação esteticamente responsável, esteticamente sofisticada, tem que ser muito clara, muito objetiva, tem que dar argumentos para o outro para que ele saiba o que se está querendo dizer.

Até o século XVIII mais ou menos, as obras de arte tinham que preencher os aspectos mimético, expressivo, didático e formal. A partir

do século XIX, com essa autonomização do campo da estética, de certa forma, veio essa avalanche contra os aspectos miméticos, de relação com o meio, com a sociedade... os românticos já começam um pouco com isso, já não valorizam tanto o caráter mimético e o caráter didático e focam no expressivo, e o formal vem a reboque.

No século XX você vai ter o reforço muito no formal, outra explosão. Você vai tendo os vários modernismos, têm uns de caráter revolucionário, mas tem uns que são puro experimentalismo formal, e que praticamente a gente tem que pedir desculpas se você quer colocar algo mimético ou didático, percebe? Hoje, pro realizador de uma obra, pro escritor, pra alguém que pensa, acaba sendo um insulto falar “*ah, isso é didático demais*”, virou insulto.

Revista Crioula: Essa rejeição extrema a qualquer caráter didático nos faz entender uma certa louvação ao hermetismo, tão própria daquela noção do “bom gosto” para a qual aquilo que é bom precisa ser complicado, misterioso, quase insondável.

Daniel Puglia: Exatamente. Significa, novamente, você ter uma relação fetichizada com a arte, de adoração: “*até aqui eu entendo, a partir desse ponto ficamos no sublime.*” E isso é uma aposta no irracionalismo; em última instância, uma aposta na qual nós mergulhamos muito fortemente nos últimos quarenta anos. O pós-modernismo, em grande parte, é isso: uma aposta do irracionalismo. “Não dá para explicar tudo”... “o corpo tem razões que a mente não alcança”. Vive-se essa apologia do corpo.

No “Cultura e Política”, do Roberto Schwarz, há uma afirmação, creio, quando ele está refletindo um pouco sobre o Oficina, ele se expressa assim: *quem quer chocar não quer fazer política*. Porque há um limite. Escrever cocô, xixi, puta... mostrar peitinho, bundinha, numa peça pode querer dizer algo, mas, se esse é o seu único recurso, é só para

chocar... uma vez que vivemos em uma sociedade na qual ainda existe o tabu sobre diferentes registros linguísticos, onde ainda existem tabus sexuais; colocando isso, penso que, às vezes, você está simplesmente chocando, está simplesmente querendo dar uma chacoalhada.

Algo de interessante sobre isso é dito por Terry Eagleton. Na viragem dos anos 70 para os 80 é que cada vez mais passou-se a se preocupar com o corpo que trepa, ao passo que o corpo que trabalha começou a ser esquecido. Agora, isso foi uma das coisas que a ideologia neoliberal muito bem canalizou, porque quando se dizia, nos anos 60, *nós queremos justiça social e liberdade*, a partir dos anos 70, os ideólogos do neoliberalismo falaram assim, *nós damos liberdade, mas esqueçam justiça social*. E parte dessa liberdade foi canalizada pelo consumo, na formatação de um modo de vida, de um tipo de prática sexual. Todo um ingrediente de rebeldia passa a ser um nicho de consumo.

Revista Crioula: Mas Lukács, já no final dos anos 40, criticava Sartre e os existencialistas franceses, e, portanto, uma parte da esquerda, por fetichizarem a ideia de liberdade, algo que em grande medida demonstra porque a geração de 68 e suas ideias libertárias tiveram limitações e acabaram pautando a sociedade de consumo. Isso porque não estavam umbilicalmente ligadas com a ideia de igualdade. Como o marxismo pode lidar com isso?

Daniel Puglia: Tem uma frase no *Anti-Dühring*, de Engels, que diz que “*a liberdade é a inteligência da necessidade*”, e isso significa que a sua liberdade só vai ser liberdade mesmo, quando for necessidade meditada, ou seja, não é fazer o que te der na telha.

Revista Crioula: É a herança de Kant aí, não?

Daniel Puglia: Novamente é o Kant, você tem toda razão. Isso tem a ver com você meditar e se perguntar se a sua vontade vale para outros

aspectos da vida em sociedade. E isso nos faz ter apreço por um nome que está começando a voltar agora, mas que é maldito, que é o Lênin: é você sair da especulação inebriante e ir para a especulação racional, porque, na especulação inebriante, você começa a pensar “*mil coisas*”, “*nossa que legal*”, e vai julgando saber o que é a liberdade de pensamento. E, às vezes, isso não é liberdade de pensamento, é maconha de má qualidade, e só!

Já a especulação racional, ela é bem vinda e é fantástica, ela é especulação e é racional, não vai ser estática, não vai ser dogmática. Quem é contra a liberdade? Ninguém é contra a liberdade, mas ela, em abstrato, não é nada. Em nome da liberdade se diz “*não ao Estado*”, não mais o anarquismo, mas o discurso que os neoliberais vão adorar e incentivar.

Isso hoje, inclusive, dificulta a conversa entre a esquerda, porque qualquer menção à organização, à disciplina, à formação já é lida como dogmatismo, autoridade, hierarquia. E aí ficamos sempre tendo que inventar a roda, jogando para trás lutas históricas, ao se cair nesse logro que é a retórica neoliberal, que defende o Estado mínimo quando, na verdade, tem-se um Estado que funciona muito como gestor do sistema financeiro, dos grandes bancos, do agronegócio...

David Harvey nos mostra que o neoliberalismo é muito ineficiente para a geração de valores, e a acumulação ocorre ao se avançar sobre o patrimônio público, sobre os recursos naturais, sobre quaisquer medidas de bom senso ecológico... tudo isso para compensar a baixa capacidade de geração de valor do neoliberalismo.

E, novamente, a gente volta a essa questão da economia política, para o pensamento crítico, para o pensamento teórico, para o pensamento artístico, se eles não levarem em consideração essas coisas, às vezes, ele acaba ficando aquém do diagnóstico que a arte pode dar.

Revista Crioula: Essa tentativa de chegar a um diagnóstico da realidade tem a ver com o apreço pela noção de totalidade, que já discutimos. Contra o dogmatismo das ideias totalizantes, os pós-modernos oferecem a diluição do relativismo. Se tanto o dogmatismo como o relativismo são procedimentos anti-dialéticos, como pensar a questão da verdade?

Daniel Puglia: Existe uma tese sobre Feuerbach, do Marx, em que ele afirma que a discussão sobre a existência da verdade, em última instância, não é uma questão teórica, ela é uma questão prática. Basta olharmos o que aconteceu a partir da crise econômico-financeira de 2007, 2008. Chega um momento em que se tem um crash: entre a integridade da instituição financeira e o bem-estar das pessoas, se escolhe a integridade da instituição financeira. Então, são direcionados 700 bilhões de dólares para todos aqueles que causaram a crise financeira, e as pessoas que perderam as suas casas, que estão endividadas não são socorridas.

Na época, um jornal espanhol escreveu que se tratava de um momento difícil e que na época pós-moderna já não existe mais uma compreensão possível para o que acontecia. Isso é balela, uma bobagem completa; ficou claro, naquele momento, quem manda no jogo.

O Henry Ford, fundador da Ford, dizia que é muito importante que as pessoas não entendam como funcionam o dinheiro, os bancos, e o sistema financeiro de maneira geral, porque, se elas entendessem, haveria uma revolução amanhã.

Revista Crioula: Existem alguns argumentos e adjetivações recorrentes contra o marxismo: o reducionismo, que seria inerente à prática teórica marxista; o esquematismo de suas formulações; e o dogmatismo de seus militantes. Como defender o marxismo diante dessa artilharia?

Daniel Puglia: Estas questões todas são importantes para serem enfrentadas. Em relação ao reducionismo, você não produz ciência se não reduzir o seu campo de análise e, a partir dele, começar a refletir. Aí, vão contra argumentar: *mas esta é uma concepção de ciência que ficou no século XIX e já se provou errada*. Não, eu não estou discutindo a questão da ciência positivista. Mesmo do ponto de vista dialético, há que se começar por uma parte, por um fechamento, para se ampliar a partir daí. O que a ciência positivista faz é que ela fecha e não amplia nunca mais.

Sendo um pouco provocador, o pós-modernismo, que é tão contra o reducionismo, reduziu tudo à cultura. Para eles a grande narrativa acabou, a base fundacional do pensamento acabou e tem que ser revista. E eles fazem uma teoria altamente elaborada, ao menos em termos estilísticos e formais, para defender o essencialismo da cultura, para defender o reducionismo de que tudo se estabelece pela cultura.

Não é deste reducionismo que eu estou falando. Um certo reducionismo é importante para você focar, para você começar exatamente a sua análise. O próprio Marx teve muitas dúvidas sobre por onde deveria começar *O Capital* – se ele começaria pelo trabalho, ou pelo dinheiro, ou pelas relações de produção, ou pelo Estado – e ele decide começar pela mercadoria. Quando você começa a ler *O Capital* – e é por isso que as pessoas desistem normalmente no segundo ou no terceiro capítulo – surgem uma série de pressupostos e conceitos diante dos quais se pode dizer *de onde, afinal, saiu tudo isso?* Marx sabe que, ao começar pela mercadoria, opera ali um reducionismo, pois seus conceitos e pressuposições isolam uma série de outros elementos. Ele tem consciência disso. E é por isso que é importante seguir com a leitura até o final para se perceber como cada um desses elementos vai se ampliando ao longo do livro.

Já o stalinismo vai pregar o reducionismo como método, tanto que, num momento, chega-se a declarar que o grande problema do marxismo é a dialética. Então, normalmente, as pessoas que fazem a crítica ao marxismo pelo reducionismo estão erradas em dois pontos: primeiro é importante o reducionismo para mostrar onde você começa a sua análise; em segundo lugar, muitas vezes, à direita e, infelizmente, à esquerda, se encampa a concepção de ciência do positivismo.

Em relação a *O Capital*, o “grande baque” surge quando se percebe que Marx não descreve todos os aspectos do capitalismo. Se você prestar atenção no que está proposto em vários enunciados, ele diz “*vou analisar o capitalismo de acordo com os pressupostos da economia política clássica*”. Então ele lê aqueles autores, o que eles diziam sobre o capitalismo, e segue aqueles argumentos para mostrar como cada argumentação falha. Mas ele segue os pressupostos daqueles autores para demonstrar, em última análise, como esse sistema produz extrema iniquidade, extrema violência, e não gera mais bem estar.

Revista Crioula: Você pode dar um exemplo destes pressupostos?

Daniel Puglia: Eles partem da ideia de que – garantindo a liberdade, o livre mercado, o livre câmbio, os direitos de propriedade, e os princípios liberais da democracia – você consegue ter felicidade e realização plenas. Ou ainda, é necessário garantir que cada indivíduo, lutando pelo seu próprio interesse, gere o bem estar da sociedade. O que Marx vai criticar é exatamente esse “utopismo liberal”, que leva ao caos do mercado.

Outro ponto da crítica ao reducionismo se faz em virtude do legado stalinista, posto que o stalinismo se passou por marxismo. Muita gente tem horror às concepções stalinistas – com razão – porque muitas vezes o stalinismo é uma enorme cartilha. E há um certo pensamento de esquerda que gosta de cartilha. E aí fica muito difícil discutir qualquer

outro assunto, ter abertura para qualquer outra base. Os stalinistas operam uma traição ao se colocarem como herdeiros de Lênin e, ao mesmo tempo, proibirem praticamente que ele seja lido.

O que o legado stalinista faz de mais grave é a redução extrema de alguns princípios básicos do marxismo. Quando dizem *tudo é economia*, por exemplo. No princípio marxista dialético, sim: a economia era um fator importantíssimo. Mas lembrando mais uma vez aquilo que Engels fala: “*nós nunca falamos que a superestrutura é um simples reflexo da base. O que dissemos é que, para os seres humanos é importante saber como eles produzem e reproduzem a sua vida cotidiana. Ou seja, como comem, vestem, dormem e bebem. Isso vai gerar um modo de produção. E esses modos de produção variam historicamente, e essas variações históricas terão desdobramentos na política, na religião, nas artes... e isso reforça a própria maneira como as pessoas vão pensar essa base.*”

A cartilha stalinista e a caricatura marxista reduzem tudo isso a regrinhas muito simples, que acabam se transformando em um catecismo. E esse reducionismo é um dogmatismo insuportável, e, contra este dogmatismo, muita gente se afasta. As pessoas não se ouvem, elas estão preocupadas em provar os pontos de sua própria corrente, e se esquecem muitas vezes do objetivo final de uma discussão, o seu assunto.

Na análise cultural, na análise dos objetos culturais, é muito comum ver pouco marxismo funcionando e muito reducionismo – dos mais rasteiros – atuando.

Revista Crioula: Uma categoria fundamental para o marxismo é a luta de classes. Em geral, quando se fala de luta de classes, a crítica que se faz é que esse conceito não dá conta de explicar outros *fenômenos mais sutis*, como se todas as categorias marxistas fossem muito grosseiras

para a análise da realidade. Como é possível pensar a luta de classes como uma categoria não redutora?

Daniel Puglia: Eis um excelente problema. Grande parte da esquerda, *gostosamente*, abandonou o conceito de luta de classes porque isso gera um conforto, principalmente para os trabalhadores cerebrais, intelectuais, artistas, profissionais liberais, que podem manter sua posição ambígua, e ainda posar de progressistas.

Sobre o conceito de luta de classes existe uma confusão muito engraçada: tem gente que imagina que a luta de classes se dá com gente brigando na rua o tempo todo. Tem gente que confunde luta de massas com luta de classes: *houve uma marcha na luta de classes*. Não, a luta de classes é o motor da história, é um conceito, algo que nos ajuda a pensar, é uma grande classificação.

Ela, na verdade, acaba representando um dos aspectos que ordenam a história, ordenam como os seres humanos organizam sua vida prática. Para pensar um pouco melhor nisso, é importante ligarmos essa ideia ao próprio fetiche da mercadoria, que é uma análise altamente sofisticada, e que muitas das vezes é pensada de maneira apartada da luta de classes.

Essa separação, do ponto de vista do que está nos escritos de Engels e Marx, e de outros, é praticamente impensável, porque para você ter uma relação fetichizada com os objetos e com as mercadorias – para você esquecer da quantidade de pessoas envolvidas na produção delas, e esquecer a história pregressa dessas coisas todas, sem perceber as sutilezas envolvidas na objetivação do mundo ao seu redor – é necessário que você apague a luta de classes.

Entre os seres humanos, ninguém teria que ser um grande artista, um grande escritor, um grande cientista, um grande carpinteiro, um grande

mecânico de automóveis o tempo todo. As pessoas teriam diferentes aptidões, diferentes habilidades. Mas, na média, cada um de nós seria capaz de olhar para uma agenda e dizer que este papel veio de tal e tal lugar, e passou por tais e tais processos, e que o couro de sua capa foi tirado de tal lugar, e que ele é sintético, e que para haver essa síntese, tais e tais elementos químicos foram envolvidos, e, que provavelmente dentro de nosso país, isso tem tais e tais isenções fiscais, tais e tais impostos que são pagos. E seríamos capazes de perceber – quando marcássemos os nossos compromissos nessa agenda – porque, neste determinado momento histórico, nossa vida é organizada com essa ideia de tempo, e os motivos pelos quais ficamos ansiosos, ou tristes, ao final de um dia.

Na média, nós seres humanos, estaríamos aptos a analisar tudo isso. *E o que isso tudo tem a ver com a luta de classes?* Tem tudo a ver com luta de classes, porque parte da luta de classes pressupõe a divisão social do trabalho e a divisão social do trabalho pressupõe muita ignorância. Às vezes, um professor, que se supõe conhecedor de Marx, não sabe nada sobre como foi produzida a sua agenda: isso é fruto de luta de classes.

Foi retirado desse professor o conhecimento de como se faz uma agenda. Assim como foi retirado de um mecânico o conhecimento de onde veio o metal necessário para produzir aquele motor que ele monta ou conserta.

Daí vão dizer *ah, isso é sonho. As pessoas nunca vão conseguir ter o conhecimento disso, nunca vão ter acesso a isso...* Mas isso faz parte da luta de classes: inclusive, passar para muitos trabalhadores cerebrais a ideia de que você não pode saber isso; a ideia de que é difícil perceber o todo; transmitir para muita gente da esquerda a ideia de que a luta de classes é algo pouco sofisticado.

E aí voltamos àquele velho exemplo da economia: o que a teoria econômica ortodoxa tem a dizer sobre a duração do dia de trabalho? A

duração do dia de trabalho e o porquê da não redução da jornada de trabalho têm tudo a ver com a luta de classes.

Por exemplo: se você é um jovem acadêmico pós-moderno que está tentando agora escrever no estilo de Derrida ou de Foucault, internacionalmente você está em baixa no mercado. Ao mesmo tempo, você gostaria que seus escritos tivessem relevância, e gostaria de emplacar sua imagem num congresso, e construir um currículo, para pleitear um posto numa universidade. Você pode ler um manual básico de crítica ao marxismo, e vociferar altas e raivosas críticas a ele, para tentar se cacifar enquanto produto acadêmico na tentativa de conseguir aquele posto. E, talvez, nesse processo, você se frustrar, porque Derrida já passou e outras ondas pós-modernas também, e você tentou surfar numa onda quando ela, na realidade, já quebrou. Daí você fica angustiada, triste, raivosa. Se você conseguir uma colocação num blog de direita, se você conseguir ser articulista da Folha de S. Paulo, do Estadão, e tal, você ainda consegue uma sobrevida e fala: *quem sabe eu ainda tenha uma moeda intelectual para dar*. Pois bem, a luta de classes explica isso. Você tem uma força de trabalho para ser vendida, e você não está conseguindo vender essa força de trabalho.

Da mesma maneira, podemos pensar: você é um marxista que se julga sério. Nos últimos quarenta anos, você apostou numa visão do marxismo que acreditava que os mercados financeiros já haviam atingido um processo de autorregulação, e que não haveria mais uma grande crise como a que nós vimos em 2007/2008. Você construiu toda a sua carreira de marxista respeitável escrevendo textos altamente complexos sobre *o indizível, sobre a impossibilidade da crítica* e, aí, surge uma crise econômica como esta (da qual nós não saímos, e que é profunda, mas que não significa de maneira nenhuma o final do capitalismo, pois o capitalismo é perito em não resolver suas crises) e você não a entende; os livros que você escreveu passam a cair da estante, porque não há mais aquele contexto no qual você fez a sua

carreira, e você fica chateado, porque, de repente, não o chamam mais para falar sobre *a impossibilidade da crítica*. Então, a luta de classes explica isso. No seguinte sentido: a partir do momento que você não é mais um ideólogo útil para a contrarrevolução, você passa a ser mercadoria fora de circulação.

Revista Crioula: Esses exemplos demonstram – de maneira crítica e também irônica – a sofisticação do conceito de luta de classes, e como ela se dá em campos não triviais, e não apenas nos chamados *conflitos de rua...*

Daniel Puglia: Sim. Freud mesmo explica que, em última instância, a determinação última da vida humana é econômica. O ponto de vista do Freud é que, pelo fato de termos que trabalhar, nós temos que renunciar ao prazer, ao descanso, e à satisfação. Isso vai gerar uma série de frustrações. E isso tem tudo a ver com o conceito de luta de classes. Por que, dentro do capitalismo, há essa obsessão com o controle de como ordenamos o nosso tempo? A luta de classes nos mostra que nós não somos donos de nosso tempo.

Quem fica muito aferrado nessas dúvidas e angústias, normalmente, somos nós, os trabalhadores cerebrais. E isso dá porque não somos donos de nosso tempo, de nossa vida, não temos uma série de liberdades, e, ao mesmo tempo, gostamos de fantasiar que temos tudo isso. Nós tivemos o problema da empresa terceirizada da USP que não honrou os seus compromissos com os trabalhadores: esses funcionários, provavelmente, nunca ouviram falar de luta de classes, mas eles sabem o que é estar em luta.

Revista Crioula: A atualidade da luta de classes faz pensar na atualidade do próprio marxismo como ferramenta crítica. Porém, um ponto de ataque ao marxismo tem a ver com a acusação de que suas análises seriam anacrônicas. Como argumentar quanto a isso?

Daniel Puglia: Muita gente da esquerda também diz isso. Mas essa crítica ao anacronismo não atenta para algo absolutamente vital: a profunda admiração que a dialética tem pelo movimento. Ao contrário do *não há nada de novo sob o céu*, a dialética diz *sempre há algo de novo*. E é por isso que a leitura do materialismo histórico vai se preocupar com o que o Brecht dizia – “*de nada serve partir das coisas boas de sempre. Mas sim das coisas novas e ruins*” – e, a partir daí, produzir novos instrumentos de intervenção.

Muito se diz: “*as velhas lutas já foram tentadas, e é necessário começar de outra forma.*” Muitas vezes, de modo leviano, afirma-se que *essas lutas são impróprias porque foram tentadas e não deram certo*. Mas o fato é que se nós tivemos ao longo do século XX – e isso, novamente, é um argumento de David Harvey – algum nível de civilização, isso tem a ver com a luta de classes e com a força de vários movimentos que tentaram construir uma rotina de vida diferente, e lutaram por acesso a direitos, e para que parcelas da produção da sociedade fossem minimamente distribuídas para a população.

O Terry Eagleton brinca que ninguém mais gostaria que o marxismo fosse anacrônico e que já tivesse sido ultrapassado do que os próprios marxistas. Ele lembra de Oscar Wilde, para quem o problema do socialismo é que ele ocupava muitas noites; envolve uma série de reuniões, de discussões; você não quer mais esse sistema, você não quer mais ficar discutindo essa teoria chata. Você quer viver uma vida melhor.

Muita gente diz que hoje o fluxo de mercadorias atingiu um estágio nunca visto, então o marxismo não daria conta disso. Ao contrário. Temos lutas na Índia, na China, na Indonésia, que estão sendo travadas nos moldes das lutas que eram feitas na Inglaterra do século XIX, isso porque há maneiras de trabalho, de produção, de exploração,

muito semelhantes que estão acontecendo lá. Na Europa e nos Estados Unidos, além de ter isso, você tem as outras lutas, como dos direitos das minorias, por exemplo.

Eu não estou querendo dizer que essas lutas – de gênero, etnia, orientação sexual, a luta ecológica – sejam menores, periféricas. Tem muito dogmático de esquerda, de cartilha que vai considerar essas discussões irrelevantes. Eu não quero dizer que elas sejam completamente irrelevantes. O que precisamos é de uma visão que integre tudo isso. David Harvey usa o exemplo do Katrina – o furacão. Quem foram os mais atingidos? Em sua maioria mulheres, negros, populações pobres. A categoria que acaba englobando tudo isso, normalmente muito pobre. Pertencente à classe trabalhadora.

Revista Crioula: O relatório anual das desigualdades sociais feito pela UFRJ indica que o número de homicídios no Brasil está constante, praticamente, mas que entre os negros continua muito alto; outros dados, relativos à evasão escolar, também mostram diferenças entre as raças, mas apontam também para questões de classe.

Daniel Puglia: De novo, é preciso pensar a totalidade. Mas as pautas estão fragmentadas. Historicamente dá para entender isso porque, nos anos 70, houve aquele impacto de que o sistema pareceu muito difícil de ser mudado na totalidade. A esquerda teve um momento de pensar: *queremos ir para além do capitalismo ou vamos reformar o capitalismo?* O reformismo prevaleceu. Essas pequenas transformações pontuais fazem parte da pauta das reformas.

Isso não quer dizer que esses pontos não sejam importantes. Um socialismo em que as mulheres não tenham pleno reconhecimento, em que todas as orientações sexuais não sejam efetivamente exercidas, não pode ser chamado de socialismo. Mas a ilusão, de muitos movimentos das minorias, de que sob o capitalismo eles conseguirão ter sua voz ouvida é muito perigosa. Isso pode gerar situações como quando Obama

chega, nos Estados Unidos, ao poder e muitos concluíram: *são os negros no poder.*

O fato é que vivemos a fase da pré-história humana, em que as pessoas ainda se importam com coisas como a cor da pele, com a orientação sexual. Em parte, porque se importar com isso vai poder fazer você classificar uns como superiores aos outros, outros como inferiores.

Revista Crioula: Ao contrário da agenda reformista, pautada na fragmentação, uma perspectiva revolucionária resgataria a ideia comunista de fomentar uma experiência comum entres os homens?

Daniel Puglia: Eu acho que sim. Essa experiência comum seria possível até onde eu vejo. O livro mais recente do Terry Eagleton (*Why Marx Was Right*) aborda um pouco disso. Para haver a possibilidade de uma experiência comum, seria necessário que participássemos em várias etapas de como as coisas são feitas, para não perdermos o contato com a vida real.

Revista Crioula: Seria preciso questionar a divisão social do trabalho?

Daniel Puglia: Exatamente. Questionar a divisão social do trabalho, e pensar uma nova organização da vida social em que as pessoas não trabalhem tanto. Para aprendermos sobre diversas questões, deveríamos ter mais tempo.

Por exemplo: se você tem conselhos organizados por bairro, nesses conselhos você terá que discutir como está o saneamento básico, como está o transporte público, como está a oferta de escola, saber a quantidade de árvores plantadas lá, saber como está o acesso a postos de saúde, etc. Os grandes conglomerados econômicos hoje em dia perdem muito tempo discutindo isso, dentro de um número pequeno de pessoas. Pois bem, a produção já é coletiva, só que ela é apropriada de

maneira individual, ela gera essa sobrecarga de trabalho nesses profissionais que são altamente remunerados pelo capital para fazer esse tipo de planejamento. Não seria tanto melhor se muito mais gente tivesse muito mais tempo para planejar, para discutir essas coisas coletivamente?

Porque a produção social não necessariamente precisa ser apropriada de maneira individual. Ela só precisa ser apropriada dessa maneira na perspectiva do lucro. Agora, se for apropriada numa perspectiva de acordo com as necessidades sociais, ela necessariamente passa por esse tempo de cada um saber como se fabricam as coisas, saber o que é prioritário e o que não é, e saber como isso tem que ser dividido ou não.

Revista Crioula: Operar essas mudanças obrigariam a pensar uma outra forma de relação entre o individual e o coletivo. Esse é um tema muito caro à tradição literária, à estruturação do romance, por exemplo. Como você enxerga, por uma perspectiva marxista, essa constituição da subjetividade e sua vinculação com o social?

Daniel Puglia: Muita gente diz que o grande tema do romance seria esse, o indivíduo na sociedade, e que, talvez, no século XIX, o grande nome dos romances deveria ser *Ilusões perdidas*, de Balzac. Você tem em algum momento uma individualidade que se julga especial, diferenciada, que quer seus direitos, que sua voz seja ouvida. Esse indivíduo tem que fazer uma trajetória e corre o risco de desenhar uma trajetória de sucesso – segundo os padrões dessa sociedade e da burguesia – mas terá dia após dia, semana após semana, o confronto com a realidade que vai lhe dizer *você não é Napoleão Bonaparte*.

Você não vai sair dos patamares inferiores do exército para se tornar imperador e penso que essa ideia das (im)possibilidades, em vários romances, é trabalhada de maneira muito forte. Num livro como *David Copperfield*, de Charles Dickens – que é praticamente um romance de

formação, do pequeno menino talentoso que quer se tornar escritor e tem, afinal, algum sucesso – existe um momento, que julgo ser aquilo que há de mais interessante e conseqüente no romance, quando o autor nos mostra que muitas vezes esse sucesso, realizado numa trajetória de plena concepção do indivíduo, tem por trás, quando você olha em volta, a grande tragédia dos espoliados.

Do grande romance – e talvez possamos falar também da grande obra de arte – deve surgir a percepção de que nascemos sós, vivemos sós, e vamos morrer sós, mas, ao mesmo tempo e sempre, haverá ao lado o nosso *semelhante* e o tempo todo teremos que lidar com isso, e com as frustrações ao longo desse processo. A grande obra de arte, de alguma forma, acaba dando conta disso ou deveria dar conta disso.

Por exemplo, a obra de Marcel Proust, em seu grande ciclo de romances, mostra de maneira fabulosa as decepções constantes de uma grande alma, de uma grande sensibilidade, que tem suas esperanças frustradas. E a beleza disso é que ele faz dessa frustração uma das grandes obras da realização humana que é *Em busca do tempo perdido*.

Em um de seus primeiros ensaios críticos, chamado *Roda de Peru*, Antonio Candido mostra que muitos escritores brasileiros não vão além do nível da subjetividade adolescente. Essas discussões de alta subjetividade lembram o menino que hipnotizava um peru fazendo-o rodar em volta de um círculo. Antonio Candido diz: “*se você é muito talentoso, você corre o risco de produzir um Ateneu, do Raul Pompéia. Raul era muito talentoso. Agora se você é um gênio, você se transforma em um Proust.*” Seu grande mérito é tomar da memória uma série de bobagens de sua juventude, que parecem ser de uma sofisticada individualidade, e ver aquilo numa perspectiva da maturidade; ele retrabalha tudo aquilo e estabelece conexão com a sociedade, com as outras pessoas.

Muito dos grandes romances tem essa capacidade de generalizar a experiência individual. *O Leopardo*, do Tomasi di Lampedusa, que depois foi transposto para o cinema de maneira maravilhosa pelo Luchino Visconti, é uma obra que tem exatamente essa exposição da vontade individual frente a novas forças históricas.

Revista Crioula: Parte de Lukács a ideia de que só uma forma social nova poderia engendrar uma forma artística nova. Os impasses do romance – sua propalada crise – têm muito a ver com esse caráter onívoro do próprio capitalismo, capaz de integrar as forças que o contestam. Se pensarmos na periferia do capitalismo, como as relações sociais e econômicas específicas desses espaços podem gerar outras possibilidades de expressão literária, por exemplo?

Daniel Puglia: Eu não sei. Tenho a impressão de que devemos partir da seguinte perspectiva: *da periferia podemos enxergar melhor as coisas que estão acontecendo no centro*. Para Hegel, o capitalismo era completamente contraditório. Marx vai falar “*as colônias só vão mostrar o sistema piorado*.” E não é à toa que é a partir dessa perspectiva do avanço e do atraso que Marx vai analisar a própria situação da Alemanha como atrasada, num contexto europeu, em relação à França e à Inglaterra.

Portanto, penso que artistas produzindo em ex-colônias, artistas produzindo em todos os territórios da periferia econômica, têm um desafio grande, que é o desafio de conseguir dar conta de vários conflitos que, em suas realidades específicas, estão muito mais claros. Isso incide na famosa frase do professor Antonio Candido, quando ele compara “*enquanto a Europa diz mata, o Brasil diz esfola*.” Isso é algo que expõe a violência de um modo ainda maior.

O artista, o trabalhador cerebral que quer desenvolver uma leitura da realidade tem uma tarefa hercúlea: conhecer bem a sua própria

realidade, e ver como que ela está interconectada com a realidade que emigra, que vem dos centros. Porque elas estão juntas, não estão separadas.

Essa conversa dos departamentos norte-americanos, dos *Estudos Culturais*, que, num belo escritório na Universidade de Columbia, dizem que não existe mais centro e periferia é muito confortável. Ao passo que, se se vivencia outra realidade, outra experiência, a leitura de mundo será diferente. Como será diferente de pessoas que não vivem em Manhattan e que vivem, após a contrarrevolução neoliberal, em bairros abandonados na periferia de Nova Iorque, em grandes bolsões de pobreza, onde há pessoas passando fome hoje.

Contra o cosmopolitismo da elite, deve sobressair o internacionalismo da classe trabalhadora. O trabalhador cerebral que pretende ter uma visão verdadeiramente internacionalista – ou seja, saber que a divisão entre nações é uma ilusão, que é preciso estabelecer uma solidariedade entre os 98% de espoliados – já vai dar um passo além, mais do que se ele estiver em Burkina Faso e quiser escrever como um intelectual que vive em uma cobertura em Paris. Porque esse intelectual de Paris muitas vezes está fazendo o trabalho de ideólogo de um certo sistema, vai ser remunerado para isso. Porém, se você se coloca o desafio de ler – de onde quer que você esteja – a história a contrapelo, como queria Benjamin, você terá que adotar uma postura internacionalista.

Revista Crioula: O cosmopolitismo das elites seria a celebração de uma falsa integração?

Daniel Puglia: O cosmopolitismo de início é um pensamento de base aristocrática. A aristocracia é muito interessante. O narrador, em Proust, em determinada passagem, diz algo como “*se tivesse que fazer amizade entre diferentes classes, faria com operários e grão-senhores, mas não com os burgueses. Os grão-senhores ainda mantêm algum nível*”

de civilidade, de convívio, ao contrário dos burgueses.” Os cosmopolitismo aristocrático parte da ideia de “*que nós pertencemos ao mundo e a nós pertence o mundo.*” Isso era uma tragédia. Mas quando a burguesia tenta seguir esses valores, aí se gera uma farsa. Surge, de maneira apequenada, a mentalidade de que o mundo é minha praia – esse desejo *fáustico de querer abarcar tudo* – e que com um cartão de crédito tudo posso.

De um ponto de vista aristocrático, o cosmopolitismo burguês é tacanho porque pode se resumir ao gosto de estar em qualquer parte do mundo, sempre no hotel Hilton, consumindo sempre a mesma comida, sem conhecer de fato as culturas locais. Num ponto de vista mais crítico, esse cosmopolitismo se ancora em certa leviandade, em certo sonho liberal de que são integradas várias tribos, unidas num mundo onde tudo é possível.

Revista Crioula: Isso se liga à forma com que as elites de alguns países periféricos lidam com o conceito de hibridismo cultural. Em sistemas literários jovens, onde há um público leitor mínimo, os escritores – sentindo-se participantes de uma aldeia global – muitas vezes se dirigem a um leitor idealizado e externo. Como pensar essa questão diante da mundialização do capital?

Daniel Puglia: *Você não precisa mais ficar preso à porcaria de seu país, que tem tantos problemas.* Angola hoje, por exemplo, virou um *case* dos mercados internacionais, se transformou num grande campo de trabalho com montadoras, empreiteiras... que está enriquecendo um pequeno grupo, com uma população altamente espoliada. Se você é um moço, uma moça bem pensante que vai para o reino das letras, uma forma de fugir dessa realidade estrita a sua volta é participar desse mercado mundial, na esperança de ir para congressos, encontros de literatura, festivais.

E lá você faz uma leitura apaixonada da dor e do sofrimento da mulher que teve a integridade de seu país arrancada a faca, tudo isso com uma prosa que gasta vinte páginas descrevendo a lágrima que se junta com o rio, que se transforma na lágrima... faz tudo isso fugindo da discussão do que está acontecendo.

A verdadeira independência artística talvez só possa ser conseguida a partir do momento em que você convive com seus concidadãos vendo-os como iguais, e não como matéria exótica para exportação. E, infelizmente, vemos muito isso nesses países, onde uma literatura de exportação é produzida sendo mais realista do que o rei, mais ciosa dos valores que se imagina haver numa metrópole do que os que verdadeiramente existem nela.

Devido a essa contradição, muitas vezes o bom conservador, aquele que se coloca declaradamente como um reacionário, pode auxiliar o pensamento progressista. Existe uma frase que diz que “*o liberal é um fascista em férias.*” E muitos dos trabalhadores cerebrais desses países pós-coloniais, periféricos dentro do capitalismo, assumem uma postura liberal.

Revista Crioula: São fascistas em férias?

Daniel Puglia: Isso, mas eles estão em férias. A partir do momento em que se acirra a luta – porque eles sabem que o equilíbrio deles é tênue – , a partir do momento em que existe a ameaça deles se proletarizarem e de a cotação deles no mercado das artes despencar, eles adquirem tons e uma retórica raivosa.

Revista Crioula: E em países em que houve experiências revolucionárias – como o caso de Angola e Moçambique – o quão mais grave isso pode ser?

Daniel Puglia: A experiência stalinista de novo é um problema, porque o stalinismo é a coroação da mediocridade pequeno-burguesa. Muitos entraram na onda revolucionária, na defesa desses regimes, não porque queriam uma nova sociedade com uma relação entre iguais e para iguais, mas porque eles queriam *se dar bem*. Essa é a verdade.

Depois, quando um regime mostra a sua cara – porque a verdadeira vocação do stalinismo é ser antirrevolucionário, é combater a democracia, minar qualquer possibilidade de mobilização pela base, combater os conflitos populares, instituir a ditadura de um partido que se diz bolchevique mas que é a traição do bolchevismo – ele elege uma *intelligentsia*. E essa *intelligentsia* é formada por intelectuais, artistas, profissionais liberais, trabalhadores cerebrais que vão produzir toda uma série de preconceitos – de onde vêm o reducionismo, as visões parciais – e que vão se calar diante da censura contra a imprensa, diante da restrição às liberdades individuais. E quando seu país cai, novamente, nas graças do capitalismo, essas mesmas pessoas desfraldam as bandeiras, com novas palavras de ordem, dizendo que sempre combateram a violência e o autoritarismo.

Isso está na origem. A revolução russa foi traída já em 1923, 1924. As pessoas que foram para a direção do partido eram sociais-democratas, mencheviques, que eram antirrevolucionários até as vésperas de 1917. Não eram revolucionários, eram oportunistas. E como para os trabalhadores cerebrais o oportunismo é quase uma segunda pele, não é de se espantar que esses casos aconteçam nos países que passaram por processos revolucionários.

Eu não conheço o caso específico desses países, mas não é de se espantar que *o jovem escritor, a jovem escritora, que era combatente do partido, nos anos 90 se torna um liberal, que faz a revisão e diz “eu já estive lá”*. Trata-se do stalinista que não se declara como stalinista e que se coloca como o profeta arrependido do marxismo.

[Essa entrevista foi realizada e editada para a Revista Crioula, em abril de 2011, por Rodrigo de Oliveira Antonio. A transcrição do áudio contou com a colaboração de Marianna Parro e Karla Ribeiro, alunas do curso de graduação de Letras da USP, e do jornalista Alexandre Facciolla]